

Apêndice

Textos comentados

Silvia Noronha Sarmento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SARMENTO, S. N. Apêndice - Textos comentados. In: *A raposa e a águia*: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 206-215. ISBN 978-85-232-1153-0. Available from: doi: [10.7476/9788523211530.008](https://doi.org/10.7476/9788523211530.008). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ykf8q/epub/sarmento-9788523211530.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APÊNDICE
Textos comentados

CAIM

(Fragmento de uma visão)

- Acusado, o teu nome?
- Todo mundo o sabe.
- Tua profissão?
- Político. Ministro. Candidato ao governo da Bahia.
- Acusado, a Bahia é quem te arrasta a este plenário.

Volta os olhos para tua mãe, a terra que te deu o ser. O seu vulto, envolvido em crepe e escorrendo sangue, enche este pretório. Com uma das mãos, nos mostra as suas feridas, com a outra te aponta a cabeça. Não fala, mas por ela falam as suas chagas; e o seu gesto de horror te denuncia. Acusado, que fatos podes alegar em tua defesa?

– Os meus serviços ao País, à Bahia e à República. Fatos? Os contemporâneos, todos eles, conclamam a glória do meu nome. Professor do nosso direito, eduquei a mocidade no conhecimento das leis. Tribuno, inflamei as turbas no amor da liberdade. Revolucionário, lutei pela Constituição contra a força. Parlamentar, bati-me pela ordem contra a demagogia. Ministro, fundei a moralidade na administração e a energia no corte das ladroeiros. Baiano, erigi na capital do meu estado um templo à medicina, dozei de novas ferrovias o seu território, e dei à sua política, em um grande partido, uma organização invejável, de cujos benefícios mana a minha popularidade, a minha candidatura e o meu triunfo. No meu caminho, havia apenas um obstáculo, de ordem acidental, o governo e as leis da Bahia. Estou-os removendo. Logo, em vez de criminoso, benemérito, juízes, é o que sou. Mandai-me conferir a coroa do civismo, a da justiça e a da verdade. Não me negueis o meu direito.

AUTOR:

RUI BARBOSA

Texto extraído do v. 39, t. 4, das Obras Completas de Rui Barbosa, p. 146-150.

Publicado originalmente no Diário de Notícias (RJ), em 02 fev. 1912.

COMENTÁRIOS:

O artigo é construído em uma alegoria fantástica em que Seabra enfrenta uma espécie de tribunal divino.

Curiosamente, o nome de Seabra não é citado em lugar nenhum do texto.

Rui recorre à imagem da Bahia personificada, descrevendo as vestes e o gestual da mãe ensanguentada.

Os argumentos usuais do adversário (no caso, os méritos que Seabra costumava reivindicar para si mesmo) são expostos em conjunto, no início do texto. Eles serão demolidos, um de cada vez, dando a impressão de que, ao fim, não resta qualquer defesa possível ao acusado.



Rui se refere aos cabelos pintados de Seabra como evidência da falta de seriedade e compostura do adversário.

Note-se o recurso a termos incomuns de sonoridade expressiva, como “pechisbeques e “bugigangas”.

Aparentemente, Seabra foi vítima de um trote em que lhe ofereceram a presidência do RS, no Império, e ele aceitou, revelando sua ambição.

Rui minimiza o valor da atuação de Seabra no início da República, quando os dois eram aliados.

O termo “energúmeno” é usado no sentido original de “possesso”, ou seja, “exaltado”.

– Acusado, bradas alto, mas oco. Roncas, mas não persuades. O direito, na tua boca, é como a linha reta nos movimentos da serpente. A justiça, nas tuas ideias, como a “Cornucópia do Altíssimo” na eloquência de uma de tuas arengas populares. A virtude, na tua moral, como a azeviche das tuas cãs enegrecidas a tinta, em tua cabeça de quinquagenário à beira dos sessenta anos. Os teus serviços, como os pechisbeques e bugigangas de mascataria no armário ambulante de um turco.

Professor, em vez de ensinares à mocidade, o que tens feito é desfrutares comodamente, em sucessivas licenças e ausências, coroadas pela tua disponibilidade atual, cerca de vinte anos de vencimentos sem trabalho. Tribuno, as tuas palranças de agitador nunca se elevaram às alturas de uma boa causa, de uma idéia feliz ou de uma frase de bom gosto. Político, extremado, no antigo regime, entre os conservadores, aceitastes, sôfrego, na última situação liberal do Império, a presidência do Rio Grande do Sul, com que um gracejo telegráfico de Germano Hasslocher, encoberto sob a assinatura imaginária de Silveira Martins, te punha à prova a trêfega ambição.

A revoluções não te aventurastes, senão em abril de 1892 e setembro de 1893; a primeira vez, caindo numa esparrela, quando supunhas iminente a volta, pelas armas, do Marechal Deodoro. A segunda quando imaginastes certa, com Custódio de Melo e Saldanha da Gama, a vitória da Marinha insurgente. Parlamentar, as causas, por que te bateste notoriamente, foram, sob a presidência Campos Sales, a trucidação do povo, no caso da São Cristóvão; e, sob a presidência Nilo Peçanha, o estabelecimento do militarismo pelas vergonhas, à custa de cuja podridão vingou a candidatura da espada.

Energúmeno nas hostilidades à ditadura militar, sob o Marechal Floriano Peixoto, cujo nome nos teus escritos



ao Siglo e ao El Dia, de Montevidéu, em junho e julho de 1894, cobriste de baldões, vieste a ser agora dos mais aguçosos colaboradores numa ditadura militar infinitamente mais abominável, inscrevendo-te entre os primeiros, que, para entregar o País aos soldados, acachaparam as consciências aos pés do homem da convenção de maio.

Ardendo na cobiça de subir, ministro foste duas vezes, mas nunca por espontânea iniciativa dos presidentes a quem serviste. Tu é que lhes gastastes os degraus das escadas, que os assediastes de empenhos, e, quando, postulante atendido, lhe conseguiste entrar nos gabinetes, descestes de secretário a cortesão, fazendo-te o serviçal dos filhos, para da boca adoçada dos pais obteres as complacências, de que vivem os validos.

Em vão te gabas de haver inaugurado a moralidade na administração. A tua austeridade administrativa se reduz a uma legenda, e mais nada. Haja vista os tais favores às obras do porto da Bahia, a tua liberalidade com as Docas de Santos, a enormíssima agravação do ônus, com que sobrecarregastes o tesouro na revisão do contrato da viação baiana e cearense, a corrupção que exercestes em tua pasta em bem das tuas pretensões à conquista do governo de um estado, a transcendente imoralidade, em que, a teu benefício, prostituístes às mais baixas exigências de uma cabala desabusada o serviço telegráfico e o serviço postal, indisciplinando e venalizando os teus subordinados.

Não fales do que te deve, na Bahia, o ensino superior. Mandaste ali reerigir o edifício da Escola de Medicina, que um incêndio consumira. Era um ato de expediente, a que outro qualquer ministro, no teu lugar, seria imediatamente forçado, mas que, com língua de palmo, a Bahia te acaba de pagar nas chamas, obra tua, em que arderam o palácio do seu governo, a sua biblioteca e os seus arquivos.

À distância, a ditadura de Floriano Peixoto é considerada branda. Implicitamente, Rui reprova o fato de Seabra ter escrito artigos contra Floriano, no exílio no Uruguai.

O “homem da convenção de maio” é Hermes da Fonseca.

A referência aos “filhos” diz respeito a Mário Hermes, com quem Seabra se aliou.

Rui questiona a competência e a honestidade de Seabra, citando as companhias que ele favorecia.

A violação de correspondências era um recurso político, pois permitia conhecer os planos dos adversários. Nessa época, Simões Filho controlava os Correios e Telégrafos da Bahia em benefício do seabrismo.



Imagem diabólica:
Seabra como satã,
rodeado pelo clarão do
incêndio da Bahia.

Rui não concede ao
adversário a grandeza
de ser um grande gênio
do mal, descrevendo seu
caráter como subalterno
e desprezível.

A enumeração das ações
reforça o ritmo do texto,
preparando para o ápice
da dramaticidade, com
Seabra rasgando as
entranhas e escarrando
na face da Bahia-mãe.

O que organizaste, na Bahia, não foi um partido, mas a companhia do estelionato político, a cujas proezas a Nação assiste com a cara calçada. Nunca obtiveste ali outra popularidade senão a dos arruaceiros. O triunfo em que exultas agora é o de satã. Um clarão imenso o rodeia, o do incêndio da cidade do Salvador.

A revolta acompanha os teus passos odiosos, aonde quer que um Chefe de Estado te acolha aos seus conselhos. Ministro com o Presidente Rodrigues Alves, contra ti se levantou o movimento militar de 1904. Ministro com o Presidente Hermes, levantas hoje, contra a honra da sua autoridade, a sedição militar na Bahia. Dela te queres apoderar a todo transe. Para lhe removeres o governo e as leis, obstáculo à tua ambição diabólica, armaste ali a fogueira, onde acaba de se imolar a autonomia do Estado. Através do seu revérbero e do seu fumo, se destaca o teu perfil, soprando as labaredas à catástrofe, donde imaginas sair a tua glorificação. Não é o gênio do mal nas proporções bíblicas do anjo decaído. Não é o gênio do mal na soberba criação do poema de Milton. Mas é a perfídia, a mentira, a crueza do gênio do mal nos traços mais subalternos e sinistros do seu caráter.

A tua política, as tuas tramas, as tuas ordens subverteram, ensangüentaram, dinamitaram, bombardearam, incendiaram, saquearam a terra do seu berço. Rasgastes as entranhas à tua mãe, escarraste-lhe no rosto, e agora exultas sobre a sua agonia, imposturando cruelmente de vencedor pela sua estima.

Mas olha para tuas mãos tismadas no braseiro e avermelhadas pela carniça. Pega de um espelho, e mira tua frente. Lá está, na pinta do sangue dos teus irmãos, a marca indelével do fratricida.

Ninguém te tocará; pois o estigma da tua maldição te preserva do contato dos não contaminados com a tua



aliança. A tua vida é inviolável como a do mau irmão de Abel. Contudo, não te sentarás no governo da Bahia, porque trazes na testa o ferrete de Caim, a quem o Senhor diz:

No final, vem a maldição, fechando o texto com enorme impacto.

Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama desde a terra por mim. Agora, pois, serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca e recebeu de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando a cultivares, ela te não dará os seus frutos e tu andarás por ela vagabundo.

Tu não pertences à vingança dos homens. Ela fugirá de ti horrorizada pelo rastro vermelho das plantas, mostrando-te quando passares, como o espectro do remorso, porque “o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse ninguém, que o encontrasse”.

Mas a justiça divina te seguirá como a matilha à caça, com a consciência a te ladrar aos calcanhares e não consentirá que te assentes sobre a conquista do teu crime, para devorar a presa exangue do teu fratricídio.



Carta Aberta ao Exmo Sr. Senador Rui Barbosa, M. D. candidato eterno e malgrado à presidência da República

Exmo Sr.

AUTOR:

J. J. SEABRA

Texto extraído do jornal
O Democrata (16 abr.
1919)

COMENTÁRIOS:

A conferência do
Politeama Baiano
ocorreu na campanha
presidencial de Rui.

Em MG, Rui havia
respondido aos que o
acusavam de “velho”,
falando da própria
saúde.

Seabra, quase da mesma
idade, insinua que Rui
está senil, em decadência
mental.

A estratégia retórica
é trocar os feitos e
características de um por
outro. Tudo que Seabra
atribui a si próprio
refere-se a Rui.

“falando de si e dos seus
altos feitos”: a vaidade
e a autopromoção eram
críticas recorrentes a
Rui.

Logo após a “notável” e “maravilhosa” conferência do Politeama, conferência com que V. Exa se dignou distinguir os seus amigos e admiradores, muitos foram os cavaleiros que me procuraram, apavorados, afirmando que se procurasse uma prova cabal e indiscutível da decadência mental de V. Exa, outra mais robusta não se encontraria do que a resultante dessa incomparável peça oratória.

“Ele pode ter, já roçando pelos 71 ‘bem forte o músculo central’, como alegre e bazofeiro alardeou, em Juiz de Fora, mas com certeza, e talvez por isso mesmo, os nervos cerebrais estão já muito flácidos”, disseram-me os ditos cavalheiros.

“Mas por quê?” lhes perguntei eu. “Porque jamais se escreveu ou proferiu uma descompostura mais tremenda e formidolosa a toda gente, principalmente do Governo do Estado e ao senhor.”

Aguardei a publicação desse documento, e, depois que o li, resolvi agradecer a V. Exa as grosserias e insolências com que me distinguiu.

Falando V. Exa de si e de mim, esqueceu, entretanto, fatos que peço licença para relembrar. Deixou V. Exa, falando como sempre faz, de si e de seus altos feitos, de salientar que, ao pisar nesta terra, em 10 do corrente, encontrou, para recebê-lo, uma grande comissão que, comovida, lhe agradeceu o quanto e muito concorreu para a construção das obras do porto desta capital, fazendo esquecer o tempo em que se desembarcava em arrebatados e maltratados saveiros, com risco de vida, em um cais onde as cascas de banana se misturavam com toda sorte de imundícies.



Pouco depois, ao entrar na cidade, uma outra comissão de ricos e importantes comerciantes agradeceu, sensibilizada, a V. Exa ter mandado destruir o Santa Bárbara, o beco da Garapa, o grande mictório que era todo o bairro comercial, e transformado toda aquela montoeira em ruas arejadas, largas e salubres.

Ao fim da Rua da Montanha, obra do paulista Homem de Melo, encontrou ainda V. Exa uma enorme multidão que lhe bateu palmas frenéticas, por lhe haver V. Exa facilitado a passagem e condução em automóvel por uma avenida asfaltada, arborizada e limpa, que se destina da Baixa de São Bento ao Rio Vermelho, e, que já está pronta até o Farol da Barra, lugar onde precisamente V. Exa se recordou de haver tomado, quando criança, belos banhos, lembrando-se bem de uma senhora que, em certa ocasião, deixou a mercê das ondas a cabeleira postiça que trazia, mas esquecendo-se, ou não, querendo relatar, as piculas que brincou ali mesmo, com o Araujão e outros.

Ontem foi V. Exa visitar a Faculdade de Medicina, onde a generosa Mocidade Acadêmica o recebeu sob ovações delirantes e merecidas, certamente por ter V. Exa mandado reconstruir esse glorioso e tradicional templo do ensino médico sobre as cinzas a que ficou o antigo reduzido por pavoroso incêndio.

O digno parente de V. Exa, diretor ilustre da Escola e presidente da solenidade em que foi V. Exa calorosamente aclamado, certo apontou-lhe, de um lado do extenso salão nobre, o busto do inesquecível e saudoso conselheiro Rodrigues Alves, o “cão de cego”, como em certa ocasião V. Exa o chamou, e do outro, repare bem, e veja se não é o de V. Exa mesmo!

E se V. Exa se dignar a visitar a Escola Politécnica, no salão nobre e ao subir para os doutorais, à esquerda, observe se lá não encontra um busto em bronze, praticamente igual ao da Escola de Medicina!

Seabra passa a listar suas próprias obras e realizações: as obras do porto, a remodelação do bairro comercial, a avenida Sete, entre outras.

Aqui, Seabra faz referência a assuntos pessoais. Deve ser algum mexerico que circulava nos meios políticos.

O diretor da faculdade era Augusto Cesar Viana, parente de Rui.

O busto referido não é de Rui, mas dele, Seabra.



Enfim, deixou V. Exa de registrar outros e outros fatos demonstrativos do carinho, cuidados e amor que, sempre e ininterruptamente, dedicou a esta terra abençoada e tão querida por V. Exa.

Em compensação, foi V. Exa mui benigno para comigo, o que lhe agradeço, quando, procurando apontar-me à execução de nossos patrícios, silenciou:

Que, de muito antes da Proclamação da República, só tenho vindo a esta terra, a que chamo de “minha alma”, duas ou três vezes, e isto mesmo para pedir-lhe votos;

Aqui, ele deixa de falar de “Rui”, isto é, de si, e passa às acusações.

Que nesta mesma terra, onde “inspiro tanto afeto” e onde acabo de receber homenagens e aplausos que “na história política do Brasil não há maiores do que estas que há dias estamos presenciando”, nada há, absolutamente nada, por mim feito, e, se há alguém que aponte, que recorde o meu nome, ou o traço de minha passagem;

Acusa Rui de desprezar a Bahia e de não ter feito nada por ela.

Que a “mim”, são atribuídas, e, com razão, todas as dificuldades e desgraças financeiras da República;

Que, legislador, apresentei um projeto de lei anexando o Acre ao Amazonas, de que era eu mesmo o “advogado judicial” para o fim dessa anexação;

Alude à passagem dele no Ministério da Fazenda.

Que, como advogado, cheguei ao extremo de ter necessidade de solicitar um atestado de conduta a um dos cidadãos mais austeros e íntegros, que foi em nossa pátria o saudoso Conselheiro Andrade Figueira, e cuja resposta muito me contrariou, por me abonar;

Rui foi advogado do Amazonas e defendeu a anexação do Acre.

Que, como senador, raramente freqüento aquela casa do Congresso Nacional, onde jamais tive oportunidade de oferecer um só projeto de lei visando o bem público e os interesses da República;

Que, quando, por sua exigüidade, recusei certa quantia a que me julgava com direito, e resolvi oferecê-la a um instituto de beneficência ou caridade, procurei em Niterói esse instituto, por não ter a Bahia, de que sou filho, esta-



belecimentos congêneres, ou por não ter me lembrado de que aqui nascera;

Que, quando fui procurado para patrocinar uma causa que vivamente interessava a fortuna do Município onde nasci (esta capital) por ter sido a respectiva fortuna criminosamente desbaratada por um ímprobo gestor, recebi pelo meu trabalho, ou pelo simples empréstimo de meu nome e de minha fama, a importância correspondente a 10% da quantia arrecadada;

Que, como senador, associei-me depois com esse “mesmíssimo gestor” para a organização de uma sociedade, de que sou presidente para o fim de fabricar soda cáustica (como amarga essa soda e dói esse cáustico!)... e obter do Governo Federal o prêmio prometido de milhares de contos, o que sucedeu e tudo consta do Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil!!!!...

Enfim, Exmo. Sr. Senador, seria uma série quase interminável de mazelas que poderia V. Exa apontar, se não se tivesse mostrado tão generoso e gentil para comigo.

Eis, em resumo, Sr. Senador, os motivos por que é V. Exa recebido entre braçadas de flores e delirantes palmas, enquanto que eu, pobre de mim! devo ser condenado pela justiça do Povo e da História, ao castigo que bem mereço por minha ingratidão e por meus crimes.

O mais, Exmo. Sr. Senador, fica para o Senado, onde, espero, nos encontraremos; V. Exa ainda duro, perto dos 71; e, eu, já flácido, em franco caminho dos 64.

“Au revoir!” Senador; e creio que, como V. Exa, poderei repetir que “dei no vinte”.

Mais uma vez, acusa Rui de não amar a Bahia como deveria.

Foi o próprio Seabra quem ofereceu a soma de 100 contos para recompensar esse trabalho de Rui. É o caso do município contra a Guinle, em 1914.

Júlio Brandão, intendente de Salvador e sócio de Rui na Carbônica S.A.

Novamente, referências à idade. Seabra queria sempre parecer jovem e forte, e usava isso em contraponto à imagem de velho sábio de Rui.

“Dei no vinte”: gíria da época que significa algo como “acertar na mosca”.



	COLOFÃO
Formato	17 x 24 cm
Tipografia	Adobe Caslon e Bauer Bodni
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 350 g/m ² (capa)
Impressão	EDUFBA
Capa e Acabamento	CIAN
Tiragem	400